

RUPTURA E CONTINUIDADE: Estado e sociedade em João Calvino

João Marcos Leitão Santos*

*Bacharel em Teologia (STCR), Licenciado em Filosofia (UFPE), Especialista em História do Cristianismo e Mestre em Ciência Política (UFPE). Ex coordenador da Equipe de Teologia do CENDHEC e Ex-professor de História Eclesiástica e da Teologia no Núcleo Anglicano de Estudos Teológicos, da Diocese do Recife da Igreja Anglicana Episcopal do Brasil. Atualmente é Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba.

Resumo:

O a. inicia sua reflexão com uma pequena biografia de Calvino como pano de fundo para a reflexão sobre a contribuição deste no que se refere ao Estado e à compreensão da sociedade. Sustenta que as características de personalidade e sua formação aristocrática influenciaram decisivamente em sua concepção de Estado (autoritário, paternalista e sagrado) e o lugar das diversas funções sociais. Deixa entrever claramente, que Calvino, fundamentando-se numa teo-ideologia, propõe um Estado e Sociedade estratificados, rígidos e eventualmente imutáveis além de estarem ao serviço da Igreja. O a. sintetiza a mentalidade daqui decorrente em três termos: dualista, estratificada e quietista. Reconhece, finalmente, que apesar de o pensamento de Calvino ter tido influência marcante, ele é ainda pouco estudado.

Chaves:

Calvinismo, Protestantismo: Calvino, Religião: política.

INTRODUÇÃO

Este roteiro é um estudo no pensamento social do reformador genebrino João Calvino. Não tem pretensões nem possibilidades de ser um estudo exaustivo, mas aponta direções para reflexões que amadureçam sua contribuição.

A pergunta acerca da razão de se incursionar sobre o pensamento de um autor protestante do século XVI, é legítima e pertinente.

O primeiro indicador de resposta é afirmar que este autor não é apenas mais um entre outros tantos que a Reforma Protestante produziu, mas trata-se daquele que indubitavelmente

foi o maior sistematizador do pensamento da Reforma e quem referenciou paradigmaticamente a confessionalidade e a prática do protestantismo reformado até os dias atuais.

Além disso, desde o advento Max Weber — subtraídas aqui as discussões sobre as opiniões que se tenha sobre as suas teses — se demonstrou que o pensamento de João Calvino está muito além do simples exercício exegético religioso. Assim, fazendo eco hodierno ao universo crescente das confessionalidades protestantes e ditando sua prática, Calvino constitui-se um espectro permanente no universo político.

Este texto observa o pensamento de João Calvino quanto à ordem social. Sendo a Reforma um movimento inovador e sob vários aspectos de vanguarda, dela se esperou a moldagem de uma nova ordem social sob qualquer ângulo pela qual seja vista. Este avanço não tem matriz em Calvino.

Aqui observamos, primeiro, o próprio Calvino e as características pessoais que imprimiu no seu sistema teológico. Num segundo momento atentamos para o Estado, como Calvino o percebe e que relações estabelece com ele. Na última seção, nos voltamos para a sociedade que Calvino relaciona a este Estado.

Este esforço vai concluir que Calvino não representou significativo avanço quanto à ordem social, e além disso, fortaleceu, pela manutenção de uma cosmovisão sacralizada, as estruturas (nem sempre desejáveis) da época anterior.

Desta forma o título deste trabalho contém dois pontos que merecem ser inicialmente fixados. No que concerne ao papel do Estado e à organização social o calvinismo não representou uma *ruptura* com o modelo medieval, antes, sedimentou sua *continuidade*. Em segundo lugar ao falar do Calvinismo, estamos restritos ao pensamento do próprio Calvino, excluindo-se desse estudo os desenvolvimentos e variações sofridas por este sistema no correr dos tempos.

Deve-se também estabelecer inicialmente que o estudo do pensamento de Calvino sofre limitações aqui intransponíveis, particularmente pela amplitude de sua obra de mais de cinquenta volumosos tomos inacessíveis em geral ao estudioso no Brasil. Todavia, está firmado consensualmente entre os estudiosos, que as *Institutas da religião cristã* como obra fundamental de Calvino, é uma suficiente amostragem do pensamento do seu autor; e nesta obra nos fixamos na análise que realizamos.

1. JOÃO CALVINO: UM PERFIL

João Calvino, um dos cinco filhos do casal Gerhard e Jeanne Calvin, nasceu em Noyon (França), no dia 10 de julho de 1509.

Sua família de origens aristocráticas, das quais Calvino não se separará nunca, estava situada na classe média da sociedade onde seu pai ocupava importantes funções religiosas como assessor do bispo local.

Calvino desde logo se fazia notar pela sua inteligência e habilidades com os livros, motivos pelos quais seu pai o encaminhou para estudar em Paris. Foi nessa estada que encontrou as idéias humanistas correntes, e que iriam exercer certa influência sobre ele. Paradoxalmente, manteve relações com setores mais conservadores, marcadamente com o *teólogo reacionário até o fanatismo...*¹ Noel Bedier seu orientador acadêmico. No mesmo período toma contato com as idéias revolucionárias religiosas, sobretudo Huss, Wycliff e Lutero.

Era intenção do pai que Calvino se dedicasse à Teologia, mas tensões com o bispo fizeram mudar seus planos e Calvino se encaminha para o Direito e as artes.

Calvino era um homem de personalidade estranha, e estas características marcariam sua obra por inteiro. *Estudante assíduo, tímido, taciturno, piedoso...* era um indivíduo sombrio e autoritário, sua esquisitice lhe valeu o apelido colegial de *o caso acusativo*.²

Quando Calvino aderiu ao protestantismo não está fixado precisamente, sendo aproximadamente 1534/35, fato que provavelmente decorreu dos seus estudos humanistas que o colocaram em contato com as Escrituras.

Converso, Calvino se dedicou ao estudo da Escritura e sua vulgarização, crendo ser *sua própria vocação, (e que) sua tarefa consistiria em escrever outros tratados... para aclarar a fé da Igreja...*³ Sua maior obra as *Institutas da religião cristã* aparece então em sua primeira edição e não mais deixou de ser publicada, uma vez que associou o suprimento de uma *lacuna* na literatura reformada com a dimensão pedagógica de um manual ao mesmo tempo que produziu uma obra polêmica.

Calvino parte para Estrasburgo onde pretendia fixar residência e dedicar-se ao trabalho acadêmico. A guerra o obriga a fazer o seu trajeto por Genebra, onde encontrando o reformador Guilherme Farel sendo instado com veemência por ele a permanecer ali para promover a reforma. Calvino aquiesceu.

Alçado a condição de *personagem central da vida religiosa da cidade...*⁴ imprime um modelo rigoroso de religião e moral, o que gerou tensões crescentes que culminarão com o seu desterro e o de Farel.

Passa então três anos exilado em Estrasburgo onde pastorea uma comunidade de refugiados franceses. A situação social em Genebra se agrava e os líderes resolvem convidar Calvino a regressar, proposta que foi aceita pelo reformador.

1 Cf. A. BIELER, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo, C. E. P., 1990.

2 Cf. W. DURANT, *História da Civilização*. v. VI., p. 383.

3 Cf. J. GONZALEZ. *Uma História Ilustrada do Cristianismo*. v. VI. p. 110.

4 *Ibidem*, p. 114.

Chegando à cidade, em meados de 1541, Calvino publica logo as famosas *Ordenanças Eclesiásticas*, um rigoroso código regulador da religião e da moral/costumes, que durante doze anos gerou polêmica em Genebra. Este código possuía o perfil autoritário, legalista, intolerante e até despótico deste homem que em nome da *Glória de Deus* (como ele a entendia) mandava prender, torturar e referendava a pena de morte contra os seus dissidentes e contra o pensamento desviante em religião, moral ou política, não escapando aos rigores de suas leis nem mesmos os loucos, que eram igualmente torturados.⁵

5 Cf. E. M. FERREIRA, *A Ética Social de Calvino*. p. 71.

O caso mais famoso foi a morte do médico e teólogo Miguel de Serveto, que apesar de todas as tentativas ao longo da história de isentar a responsabilidade de Calvino, mostra-se nitidamente a sua intencionalidade na morte dele:

*“Serveto acaba de enviar-me mais um grande volume de suas loucuras. Se eu consentir ele virá aqui, mas não quero dar minha palavra, pois se vier e eu tiver autoridade, não tolerarei que saia vivo.”*⁶

6 Ibidem, p. 404.

*“Quando Serveto ouviu a sentença, disse Calvino, chorou como um louco e... bateu no peito, clamando em espanhol, Misericórdia! Misericórdia! Serveto pediu para falar com Calvino; implorou-lhe clemência; Calvino apenas concordou em dar-lhe as últimas consolações da verdadeira religião se retirasse suas heresias.”*⁷

7 Ibidem.

O mesmo Calvino que contraditoriamente dissera anos antes que *é um crime executar o herege... Por um fim neles pelo fogo ou pela espada é agir contra todo o princípio de humanidade*,⁸ será movido por este espírito inquisidor na sua prática político-administrativa em Genebra e na construção do seu pensamento ético-teológico. Diz Gonzalez que...*depois da morte de Serveto, a autoridade de Calvino em Genebra não teve rival...*⁹

8 Ibidem, p. 82.

Em Genebra permanece até o fim da sua vida onde em 1559 funda a famosa Academia de Genebra, expressivo centro cultural da sua época. João Calvino morre em Genebra, no dia 27 de maio de 1564.

9 Cf. J. J. GONZALEZ, o. cit. p. 117.

A dotação intelectual do Calvino e sua capacidade de sistematização, fez dele o grande organizador da teologia reformada e o seu pensamento se espalharia pelo mundo, e em muitas partes se cristalizaria como *verdadeiro* ensino do pensamento e da fé cristã. Calvino se tornaria um *mito* entre vastos setores do protestantismo. Porém, uma análise crítica revelará um Calvino igual a outros líderes religiosos, cujas teses exigem uma revisão e cujas ações, principalmente para com os que lhe contrariavam as teorias revelam um injustificável terror.

2. A CONCEPÇÃO DE ESTADO

Em sua construção de pensamento João Calvino terminou por elaborar um modelo de teoria política do Estado, muito embora não desse importância fundamental a questões *seculares*. De igual forma a sua teoria política não apresentou avanço em relação às concepções de Estado e Sociedade da Idade Média.

No Estado proposto por Calvino três características se sobressaem: um Estado Autoritário, um Estado Paternalista e um Estado Sacralizado.

Calvino era um clericalista. Menos no sentido clássico, mais no lugar que atribuía à Igreja em relação ao Estado. O pretense interesse de Calvino de separação entre Igreja e Estado, não se sustenta historicamente. Calvino não encarnava esta separação, apenas recusava a tutela do Estado sobre a Igreja, exigindo porém que este deveria estar tutelado por ela,¹⁰ uma vez que... *o fim do governo temporal é manter e conservar o culto divino externo, a doutrina e a religião em sua pureza.*¹¹

O fundamento de seu pensamento é a origem divina do Estado, esta *ordenação que Deus há estabelecido...*¹² Este foi o mundo que o homem achou ao vir à consciência, um mundo anterior e superior a si próprio, com o qual importa relacionar-se e domá-lo/domesticá-lo. Esta construção o homem fará por meio dos mitos, onde a *naturalidade* reflete o mundo *sobrenatural*.

Quanto a esta ordem que Deus estabeleceu não cabe nenhum questionamento, muito menos tentativas de alterá-la em favor de setores antes excluídos das decisões na coisa pública, para ele *certamente é uma vã ocupação para particulares que não têm autoridade alguma para ordenar coisas públicas disputar qual é o melhor modo de governo.*¹³

Calvino era um aristocrata e quando discute sobre a melhor forma de governo entre a democracia, a monarquia e a aristocracia, faz opção declarada por esta última e sustenta que a sua escolha tem referencial histórico e teológico, porque *a experiência assim o demonstra e Deus com a sua autoridade o há confirmado...*¹⁴ Além disso crê também que este se presta à manutenção da ordem, enquanto os governos de participação popular são mais ativos em produzir mobilização (ou *sedições* como ele diria). São dele as palavras: *O Rei... pode converter-se num tirano... todavia é mais fácil levantar sedições quando a autoridade reside no povo.*¹⁵ Por isso, discordamos da tese sustentada por Cavalcanti de que Calvino representara *a retomada do processo democrático no Ocidente.*¹⁶ O modelo genebriano foi altamente autoritário, elitista e coercitivo, reflexo do igual caráter achado em João Calvino.

10 Cf. G. H. SABINÉ, *História das Idéias Políticas*. Portugal, Fundo de Cultura, 1964.

11 Cf. J. CALVINO, *Instituição da Religião Cristã*, v. II. p. 1190.

12 *Ibidem*, p. 1168.

13 *Ibidem*, p. 1172.

14 *Ibidem*, p. 1174.

15 *Ibidem*, p. 1174.

16 Cf. R. CAVALCANTI, *Cristianismo e Política*. p. 124.

Preferimos entender com Bertrand Russell que o pensamento achado em Calvino, Lutero e Loyola revela que os três são medievais em sua filosofia¹⁷ e que o século seguinte acabou por tornar-se estéril já que Lutero, Calvino voltaram a Santo Agostinho, conservando, porém, só aquela parte de sua doutrina que trata da relação da alma com Deus...¹⁸ e isto pode ser tomado como indicador que neste momento ainda se tem uma vocação mais para a Idade Média que para o renascimento.

De igual forma, na opinião de Elton, a reforma de modo nenhum criou um novo sistema político...

*“É evidente que estes governantes não precisaram do protestantismo para lhes ensinar o poder absoluto. De certo modo as Igrejas Nacionais existiram antes da reforma e continuaram a existir depois dela, mesmo em países que continuaram católicos. Neste sentido político a Reforma tirou partido de, e até certo ponto consolidou, uma situação em que nascera; a sua contribuição foi secundária e de modo nenhum criou um novo sistema político — embora é claro criasse uma nova situação política — na Europa.”*¹⁹

Não se pode ignorar o caráter apologético usada para defender erros de quaisquer personagens históricos, afirmando apenas ser ele um homem de sua época e por isso incapaz de iniciativas.

Calvino conhecia a mobilização popular. Em Genebra o povo referendava decisões políticas. Calvino estivera em Estrasburgo onde os expedientes democráticos de então eram mais ativos e ele conhecia o modelo de mobilização teológico e social dos Anabatistas e grupos semelhantes. Mas Calvino era um homem da Ordem, facilmente identificada em seus escritos com o controle social. Aliás, Senarclens demonstra como o pensamento do reformador era revestido de um caráter reacionário, literalmente, em reação ao modelo popular de governo. “... sobre o governo civil, Calvino deixa claro que tem em vista esses exageros²⁰ (referência aos anabatistas). De igual forma, no seu próprio cenário, Calvino se preocupa com a seita dos libertinos que podiam muito bem apresentar a corrupção política e moral como uma seita religiosa ao mesmo tempo em que eram uma força política.²¹ Calvino percebia a fermentação política e popular como uma ameaça a religião do Estado, a qual ele impunha pela força, e dela se utilizava como instrumento de controle e coesão social.

Uma vez que este Estado era *divino* em sua origem, divino em sua estruturação (aristocrática) e com objetivos igualmente divinos, Calvino não podia conceber separação Igreja-Estado como alguns insistem.

17 Cf. B. RUSSEL, *História da Filosofia Ocidental*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1957.

18 Ibidem, p. 43.

19 Cf. G. R. ELTON, *A Europa durante a Reforma 1517-1559*. Lisboa, Martins Fontes, 1982.

20 SENARCLENS, J. *Herdeiros da Reforma*. São Paulo, ASTE, 1970.

21 Cf. E. FERREIRA, o. cit., p. 76.

O estágio subsequente de desenvolvimento do seu pensamento foi a associação do Estado ao seu governante. Os governantes de uma instituição sagrada possuíam uma aureola sagrada, e eram chamados por Calvino de lugares-tenentes de Deus.

22 Cf. J. CALVINO, o. cit., vol. II, p. 1179.

O Magistrado (termo indistintamente usado para as autoridades) *é um pai da pátria que governa...*²² Assim, fica definitivamente estabelecido que rebelar-se contra o príncipe ou contra qualquer expressão do corpo político organizado, do Estado, é uma rebelião contra Deus o que torna passível das mais severas penas tais sediciosos. *Se que por vontade de Deus, vivem sob o domínio dos príncipes, são súditos naturais dos mesmos, se apropriam tal autoridade e intentam mudar este estado de coisas, isto não somente será uma especulação louca e vã, mas também maldita e pernicioso.*²³

23 Ibidem, vol. II, p. 1179. Grifo nosso.

24 Cf. W. DURANT, o. cit., p. 385.

Calvino descrevera os reformadores franceses como... *patriotas dedicados ao Rei e contrários a toda agitação de ordem econômica ou social.*²⁴ Esta descrição corresponde no pensamento de Calvino ao modelo ideal de ministro religioso, ao mesmo tempo também alivia os temores do Poder Monárquico, na medida em que esforçar-se por torná-lo simpático a nível expressão religiosa.

25 G. E. HARKNESS, *Calvino e Sua Tradição. Espírito e Mensagem do Protestantismo*. São Paulo, Imprensa Metodista, 1963.

Expondo o pensamento de Calvino sobre o Estado, Harkness afirma que o modelo de Estado sob tutela da Igreja *somente poderia persistir mediante o preenchimento de duas condições: (a) A vontade do povo de assim ser governado; e (b) uma personalidade dominadora para interpretar a Palavra de Deus, de modo que a Palavra do intérprete fosse aceita como Palavra de Deus.*²⁵ Isso fortalece a compreensão de que Calvino se achava diante do imperativo de manter um Estado autoritário e forte, de forma que a Igreja fosse forte, uma vez que durante a idade média fora a Igreja Católica o grande instrumento de controle social e ao antagonizar com o catolicismo a Igreja protestante viu-se obrigada a aproximação com o Estado, para que esse exercesse aquela função de controle, preferencialmente, sob a tutela da nova igreja (protestante). Portanto um Estado seguro e forte seria um fator fundamental para a sobrevivência da Igreja protestante, como de fato se revelou a necessidade do poder político para o desenvolvimento da Reforma.

Em seu pensamento Calvino, apenas abre um espaço de questionamento à conduta da autoridade, quando esta é infiel à Palavra de Deus, isto é, quando difere da hermenêutica de Calvino sobre a Escritura. É ambígua a discussão que apresenta sobre a autoridade no Estado, uma vez que diz que essa tem que ser *ministro de Deus para o bem...* e ao mesmo tempo afirma que *quem injusta e violentamente governa são colocadas*

por Ele para castigo do povo.²⁶ Então mesmo que não cumpra a função divina pode estar cumprindo a missão divina. Portanto, o questionamento será arbitrado somente pelos depositários da verdade divina, como o próprio Calvino se achava, iluminado.

26 Cf. J. CALVINO, o. cit., vol II, p. 1189.

Portanto, é cada vez mais definitiva a impossibilidade de reação contra o Estado forte e reforçado pelo aspecto religioso. A heresia foi novamente considerada um insulto a Deus e *traição ao estado*²⁷. Aqui se guarda importante simetria do evento histórico com a concepção teórica de A. Gramsci, para quem Heresia representava...*rompimento da classe subalterna com a classe dominante*...²⁸

27 Cf. W. DURANT, o. cit. p. 395. Grifo nosso.

28 Cf. H. PORTELLI, *Gramsci e a questão Religiosa*. Cap. 3.

Assim era *irrecorrível* a instrução de Calvino na direção do imobilismo em relação ao Poder:...*aprendamos a não andar investigando demasiado sobre a classe de pessoas são aquelas a quem devemos submeter-nos e obedecermos, sim que nos devemos contentar em saber que por vontade de Deus está colocado naquele estado ao qual Ele há concedido uma magnitude inviolável*,²⁹ e o recurso à força jamais, porque *não há quem possa fazer uso da força das armas senão os reis e os príncipes do magistrado*...³⁰

29 Cf. J. CALVINO, o. cit. p. 1191.

30 Cf. J. CALVINO, *Apud*. A. BIELER, o. cit. p. 178.

Só Iawé é Deus e Calvino é seu profeta. Sob tal égide de *teo-ideologia* João Calvino extrairia de Deus o *ad referendum* para uma ordem coercitiva, autoritária, excludente, e as vezes (tantas vezes) violenta e até homicida. Será um Estado, que sem os temores que a *religião medieval* impunha e agora *laicizado*, mas para ser legítimo precisa manter-se sob a tutela da religião, onde a ditadura aristocrática é o *modus-operandi*.

Assim as expressões políticas liberais que estariam associadas ao protestantismo nos períodos seguintes, parecem ser mais derivadas de uma gestação histórica do que de uma herança de um pensamento teológico elaborado nas origens.

3. A CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE

O pensamento de João Calvino sobre a sociedade e a organização social, a exemplo da sua concepção da ordem política e do Estado, não representa avanço significativo e produz a sedimentação do modelo estratificado de sociedade medieval. Em toda a elaboração de seu pensamento social, o reformador fixará um modelo de sociedade estratificado, quietista e dualista.

Dois aspectos devem ser considerados aqui antes de apresentarmos as faces da caracterização mencionada. O primeiro é a sacralização da sociedade a exemplo do que faz com o Estado. O segundo é a religião que lhe oferece sustentação, ou

seja, o modelo de vida e concepção religiosa que perpassa o pensamento social de Calvino.

Este modelo de sociedade constituída coletivamente e que objetiva o seu *nomus* interiorizando-o, conferindo-lhe o status de realidade objetiva, embora perceptível no pensamento do reformador, não é assumida por ele, que reputa a Deus a organização da sociedade, quando diz que, *Deus há querido assim...*³¹ Desta forma Calvino impõe o imobilismo social como virtude cristã, e a instrumentalização da religião na sacralização do cosmos também para conter o fantasma do caos social.

O outro elemento fundamental a ser considerado, é o *tipo de religião* que Calvino impôs em Genebra e fixou como referência de piedade cristã.

Duas são as faces dessa religião: Magistério e Coerção. João Calvino conservou a concepção do catolicismo de um magistério na Igreja, que *legítimamente* definindo, o conteúdo da Revelação. Calvino se propunha a dar destaque a Palavra de Deus conforme registrada na Escritura, mas tal conteúdo era fixado como verdadeiro ou falso, segundo a sua própria hermenêutica: *Calvino acreditava ter sido iluminado e eleito por Deus para interpretar as Escrituras.*³² Pelo que o pensamento desviante em ética e teologia era tratado as vezes com desprezo³³, as vezes com violência. Desta forma, apenas foi substituído o sistema colegiado católico, pelo personalista em Calvino.

Tal era o grau de identidade entre a *verdade* e o reformador que *um homem teve a língua perfurada como castigo por haver proferido blasfêmia contra os ministros*³⁴, ou como no caso de Servetus que *foi também acusado de ter na pessoa do sr. Calvino descreditado as doutrinas do Evangelho e da Igreja de Genebra.*³⁵

É ainda Will Durant que demonstra que o episcopado era a força política naquele contexto medieval e que *esse foi essencialmente o governo que Calvino restaurou mais tarde em forma protestante.*³⁶ Como resultado da tutela da Igreja sobre o Estado, Calvino se impunha como força política.

A outra face da ação de Calvino foi a inserção da fé protestante. Toda a intolerância de Calvino em questões diversas e por temperamento, estabelecer-se-á na fé em Genebra. *A doutrina era... pedra angular do seu edifício...ele era intolerante quando a verdade de Deus estava em jogo.*³⁷

A religião em Genebra era imposta, *os cidadãos foram chamados a jurar fidelidade ao evangelho, sendo banidos aqueles que se recusassem a assistir o culto.*³⁸ sem que isso garantisse uma conversão ou uma adesão à nova fé.

Ferreira ao citar McNeill, dizendo que Genebra era o *primeiro baluarte da liberdade dos tempos modernos...*³⁹ mostra,

31 Cf. J. CALVINO, o. cit. vol. I, p. 544.

32 Cf. E. FERREIRA, o. cit. p. 67.

33 Cf. J. CALVINO, o. cit. vol. I, p. 86.

34 Cf. E. FERREIRA, o. cit. p. 71. Grifo nosso.

35 Cf. W. DURANT, o. cit. p. 413. Grifo nosso.

36 Ibidem, p. 390.

37 Cf. E. FERREIRA, o. cit. p. 69.

38 Cf. W. DURANT, o. cit. p. 69. Grifo nosso.

39 Cf. J. MCNEILL, *The history and charater of calvinism*. Em E. FERREIRA op. cit. 15.

no mínimo, se cristalizou esta forma de estreitismo conceitual acerca da liberdade. Durant, fazendo um relato de Genebra, diz entre outras coisas similares:

*“As crianças deveriam receber o nome de santos, constantes no calendário católico, mas preferia-se que se adotasse os das personalidades do Velho Testamento; um pai que insistia em dar o nome de Claude ao filho em vez de Abraão, passou quatro dias na prisão...”*⁴⁰

40 Cf. W. DURANT, o. cit. p. 396.

Que religiosidade esperava Calvino em Genebra? Que devoção esperava de um povo submetido à prisão e ao banimento se não guardasse prescrições religiosas?

Bertrand Russell dará uma idéia ao descrever aquele período: *Os teólogos protestantes eram (ao menos no princípio) tão fanáticos como os teólogos católicos, mas tinham menos poder e eram, por conseguinte, menos capazes de fazer mal.*⁴¹

41 Cf. B. RUSSELL, o. cit. 43.

Sob estes dois pontos se levantará a sociedade de Calvino: Sua incontestada autoridade na formulação da doutrina e no instrumental coercitivo que obrigue os homens a obedecer. Isto posto, é possível investigar as características que darão o perfil do seu edifício social.

3.1. O Dualismo

Calvino reparte os homens em dois hemisférios estanques e coloca de um lado os salvos, fiéis, justos e predestinados e do outro coloca os perdidos, infiéis, ímpios e não-predestinados (ou predestinados à condenação), disso decorre que nada de bom ou útil pode emergir de tal aglomerado humano sem fé. Nenhuma construção humana positiva é possível e nem mesmo *participar* na construção do mundo que Deus realiza.

Igualmente faz a dicotomia entre o mundo sagrado e o mundo profano, situando a ordem político-social no segundo, grupo ao qual não se deve dar muita importância. Diz Calvino: *chamo coisas terrenas as que não se referem a Deus, nem a seu reino, nem a verdadeira justiça e bem-aventurança da vida eterna, sim que estão ligadas à vida presente... sob a primeira classe se compreendem o governo do Estado...*⁴²

42 L. J. CALVINO, v. I o. cit. p. 184.

Tal percepção das esferas distintas faz com que a ordem social, a vida em sociedade, não seja uma preocupação central para Calvino e que aparece quase como um favor, como o demonstra Bieler quando declara que *embora ocupado, sabe-se, com tantos outros problemas, sejam de caráter doutrinário, sejam da vida prática, vida em que está envolvido, nem por isso deixa de abordar no curso de seu ensino o problema da escravidão.*⁴³ Mesmo tendo coisas importantes a fazer Calvino ainda *perdia* tempo em responder questões sociais. É uma leitura

43 Cf. A. BIELER, o. cit. p. 241.

rigorosa que aqui se faz, mas Calvino já dissera: coisas terrenas não se referem à sua verdadeira justiça.

Fazendo esta distinção Calvino propriamente abriu a porta para a mistificação da Igreja e seu afastamento das questões sociais, até porque os homens em geral não importam na economia divina, pelo que, uma vez que Deus os colocou em relação conosco... *é mister que deles nos utilizemos*.⁴⁴ Talvez essa visão utilitária estivesse arraigada em bases mais profundas, numa visão de classes profundamente estratificada.

44 Ibidem, p. 267.

3.2. Estratificação

Foi um evento cósmico, transcendente — o pecado — que criou a atual condição dos homens, miséria e opulência tornaram-se naturais e intransponíveis.

Calvino considerava natural a divisão de classes e sua legislação protegia posições sociais, prescrevendo a qualidade da roupa e os limites de atividade para cada classe.⁴⁵ Os homens estão divididos em ricos e pobres e esta condição agora obedece a ordenação divina, assim *Deus dispõe a sociedade humana... cada parte colocada em seu devido lugar, como um edifício bem estruturado*.⁴⁶

45 Cf. W. DURANT, o. cit. p. 396.

46 Cf. J. CALVINO, *Apud A. BIELER*, o. cit. p. 315.

Calvino é ambíguo no que respeita à origem da organização social e econômica, ora assumindo que viola a intenção de Deus, e ora estabelecendo o fato dentro desta intenção. Todavia, está claro que é agora um modelo sancionado por Deus, que o conserva, estimula e reproduz, além de mantê-lo.... *nada se deve duvidar que Deus aqui estabelece uma regra universal; e que reconhecemos alguém como superior nosso por ordenação de Deus*...⁴⁷. Qual o efeito imediato dessa construção, onde a estratificação se dá por *ordenação* de Deus? A imobilidade social. Assim é porque Deus o quis, e assim permanecerá porque Deus o quer e porque eu quero fazer o que Deus quer. É a racionalização do Calvinismo de que já falara Max Weber.

47 Cf. J. CALVINO, o. cit. vol. I, p. 289. Grifo nosso.

*“Deus quer que seja mantida a ordem que ele instituiu, que se nos impõe observar os graus de preeminência como os tem Ele estabelecido...”*⁴⁸

48 Cf. J. CALVINO, *Apud A. BIELER*, o. cit. p. 316. Grifo nosso.

Esta é a parte do querer de Deus, e quanto à nossa é fixada nos seguintes termos:

49 Cf. J. CALVINO, o. cit. vol. I, p. 288.

*“Devemos guardar invioláveis os graus de preeminência...”*⁴⁹

Este modelo não é exclusivo do ambiente *profano*, isto é, da sociedade, mas ele se mantém a nível de comunidade de fé, a Igreja. Calvino entende que as classes sociais se conservam em seu ‘status’ e mesmo assim conservam a Unidade da Igreja, e mais que isso, atribui *valor* ao modelo.

“... estas espécies (ricos e pobres) para significar que a diversidade das condições ou estados não impede a santa unidade...”⁵⁰

“A natureza do vínculo espiritual que une os cristãos em um mesmo corpo e tal que sem destruir a unidade de todas as ordens que dão seu valor a todo o conjunto social...”⁵¹

Portanto, mesmo para a *nova sociedade* que foi criada em Jesus Cristo, o modelo de Calvino é de heterogeneidade de condições. Há que se ressaltar aqui que, para Calvino, isto não era apenas uma contingência histórica, local, circunstancial contra a qual se trabalha, mas antes é um imperativo divino, que possui inclusive (ou principalmente) uma tarefa pedagógica:

“Deus misturou os ricos e os pobres uns por entre os outros, a fim de que tenhamos ocasião de fazer o bem.”⁵²

A organização de Calvino chega quase a um modelo funcionalista, quando diz *a todas as suas criaturas conferiu Deus a cada uma sua função*.⁵³

Finalmente duas coisas se podem acrescentar a estratificação achada em Calvino, uma histórica e outra estratégica.

Historicamente se tem destacado a obra de Calvino em Genebra no tocante a educação, e como ele implementou um sistema que foi reconhecidamente importante. Porém, nesse processo Calvino não conseguiu variar seu condicionamento. Diz Ferreira, que *o propósito que Calvino deu a Educação em Genebra foi preparar os jovens para o ministério*...⁵⁴ donde se pode inferir que apesar do valor da obra implementada, subjaz uma perspectiva aristocrática, elitista, regulamentadora e instrumentalista. Ora, pela formação do clero Calvino asseguraria a manutenção da supremacia da Igreja sobre o Estado, conforme sua intenção original. O clero era *formador de opinião*, ou como diria Durant... *um corpo de teólogos eruditos formularia o credo autoritário*...⁵⁵ a ser crido e vivido.

O aspecto estratégico foi a aproximação de Calvino da classe média burguesa. Calvino tinha em vista uma questão de sobrevivência,... *acolheu a classe média em seu rebanho e cresceu com o seu desenvolvimento*.⁵⁶

A própria fé protestante se condicionava aos efeitos da ordem social. *Calvino não teria mantido por muito tempo sua liderança se tivesse obstruído o desenvolvimento comercial de uma cidade cujo comércio era sua vida*.⁵⁷ Não se supõe aqui que Calvino apenas servia a classe burguesa, mas que o seu pensamento era harmônico e de reforço ao seu ambiente social e por isso além de estratégico, conveniente.

50 Cf. J. CALVINO, *Apud* A. BIELER, o. cit. p. 388.

51 *Ibidem* p. 439. Grifos nossos.

52 Cf. A. BIELER, o. cit. p. 419.

53 Cf. J. CALVINO, *Apud* A. BIELER, o. cit. p. 320. Grifo nosso.

54 Cf. E. FERREIRA, o. cit. p. 92.

55 Cf. W. DURANT, o. cit. p. 395.

56 *Ibidem*, p. 396.

57 *Ibidem*, p. 397.

3.3. O Quietismo

O pensamento de João Calvino foi definitivamente direcionado para promover a imobilidade social, afirmando a resignação e até a subserviência como virtudes a serem cultivadas por todos, pelos motivos que propôs como base da ordem social: Sacralização e Estratificação.

Para Calvino as condições em que os homens são colocados a viver são por vontade divina incorporadas à ordem natural, portanto é insano contrariar a ordem natural e blasfemo colocar-se contra a vontade divina.

58 Cf. J. CALVINO, o. cit. vol. I, p. 295.

Antes de mais nada *cada um possui não o que há conseguido, sim por distribuição que fez o supremo Senhor...*⁵⁸ não nos cabendo mais esforços para variar aquilo que somos em vista do que possuímos. O esforço é vão, e todos os que possuem amplo patrimônio tem legitimidade intrínseca.

59 Cf. J. CALVINO, *Apud* A. BIELER, o. cit. p. 417. Grifo nosso.

A tentativa de alterar a própria condição social é vista como fragilidade da fé, porque *a verdadeira prova de nossa fé (é) quando nada esperamos de outra fonte senão de Deus... e contentar-nos com a distribuição que ele nos faz...*⁵⁹. A fé que está então associada à pobreza e ao conformismo se estabelece como sinônimo de devota obediência. Não somente isso, mas esta sujeição à ordem é um tributo, uma oblação que se oferece a Deus, que nisto se alegra. *Se estivéssemos sob o domínio dos turcos ou dos tiranos ainda assim ordena-se-nos ser-lhes sujeitos... assim apraz a Deus.*⁶⁰

60 *Ibidem*, 371.

Essa pobreza virtuosa era também resignada até os limites mais extremos. *O pobre que abaixe o pescoço, e reconheça que Deus o quis colocar em posição subalterna.*⁶¹

61 *Ibidem*, p. 346.

*“Aquele que é pobre em seu discernimento, isto é, que de bom grado se aniquila e nada se atribui não se credita nem isso nem aquilo, mas suporta o ser como escória do mundo esse, digo, é bem-aventurado”.*⁶²

62 *Ibidem*, p. 442. Grifo nosso.

Calvino em sua antropologia, acertadamente colocada por A. Bieler como base do sistema social, oscila entre uma falsa humildade masoquista e um existencialismo pessimista de perfil schopenhaueriano; e insiste em atribuir o caráter cúltico aos sofrimentos vivenciados no cotidiano:

63 *Ibidem*, p. 524.

*“Aquele que se submete serenamente aos trabalhos e misérias prestam a Deus uma obediência que lhe é agradável”.*⁶³

Mas além disso, Calvino atribui à sabedoria divina a organização da sociedade segundo esta estratificação, quando sugere que *os que são pobres, saibam que Deus os trata conforme sabe ser-lhes proveitoso. E assim cada um permaneça em seu degrau e em sua condição.*⁶⁴

64 *Ibidem*, p. 432.

A conclusão que Calvino impõe quanto à práxis para o ministério é a mesma que caracteriza seu sistema. O ministro

não se envolve em nenhuma atividade crítica para com o Poder, até porque tem coisas *importantes* (a doutrina) para cuidar. Calvino vai em busca de arsenal histórico que corrobore sua tese e diz:

*“Os bons bispos não murmuram contra o imperador, sim guardam sinceramente o mandamento de Deus...”*⁶⁵

Nesse particular parece-nos evidente que João Calvino fez um uso seletivo da Patrística e da História da Igreja, uma vez que pronunciamentos diversos e reações, e até o moderno conceito de *desobediência civil* se pode achar na práxis da Igreja.⁶⁶

O efeito do pensamento de Calvino foi o esperado e segundo seu intérprete Bieler, *a doutrina de Calvino explica porque a influência da Reforma se exerceu neste sentido tendendo sempre para a pacificação*.⁶⁷

Finalmente o imobilismo social quietista e conformista de Calvino vai reforçar o poder dos reis e magistrados, particularmente quanto ao emprego da força, já que *não há os que possam fazer uso das armas senão reis e os príncipes e magistrados*.⁶⁸ Integrando a concepção social à teoria política do Estado, (se é possível falar de *teoria*), Calvino harmoniza o seu pensamento social, cujo conteúdo empresta às conclusões deste trabalho a sua expectativa inicial de um pensamento conservador e não inovador.

(IN)CONCLUSÕES

O debate aqui sugerido permite sumariamente algumas conclusões nestas considerações finais.

A primeira é que João Calvino emprestou ao seu sistema as marcas da sua própria personalidade e tal personalismo impôs os limites para o avanço do seu pensamento. Calvino não pode senão com algum esforço ser chamado um homem de sua época, pois esteve muito mais afeito ao perfil medieval, que a efervescência e as propostas do seu ambiente histórico.

Em segundo lugar, muitos têm mostrado como Calvino falava em igualitarismo e no dever dos que possuíam bens de ajudarem os demais. Esta afirmação requer mais cuidadosa investigação, antes de mais nada pelo paternalismo latente (patente?) que encerra, e pela superficialidade que impedia alcançar as estruturas sociais. É dever do Estado e do cristão exercer a assistência aos pobres, mas não aponta alternativas para resgate de sua condição, na qual Calvino esperava ele *agradar* a Deus.

65 Cf. J. CALVINO, op. cit. vol. I, p. 934. Grifo nosso.

66 Cf. Os Pais da Igreja e a Questão Social. Coleção: *Os Padres da Igreja*. v. VI, Petrópolis. Vozes, 1986.

67 Cf. A. BIELER, o. cit. p. 390.

68 Cf. J. CALVINO, Apud. A. BIELER, o. cit. p. 178.

Finalmente, Calvino não apresenta uma proposta para a sociedade; suas proposições éticas são destinadas à Igreja. Calvino afasta-se do ambiente social, por considerá-lo *locus* da ira divina.

Calvino marcou definitivamente o pensamento protestante, embora seja ele próprio e seus escritos tantas vezes desconhecidos enquanto sistema pelos que vivem segundo sua ideologia religiosa.

BIBLIOGRAFIA

- ALTUSSER, L., *Ideologia e os Aparelhos Ideológicos do Estado*. São Paulo, Martins Fontes, s/d.
- ANDERSON, W. K. (Org.), *Espírito e Mensagem do Protestantismo*. São Paulo, Imprensa Metodista, 1953.
- AZZAMBUJA, D., *Introdução a Ciência Política*. Porto Alegre, Globo, 1969.
- AZZI, R., *Cristandade Colonial: Mito e Ideologia*. São Paulo, Paulinas, 1987.
- BELIER, A., *O Humanismo Social de Calvino*. São Paulo, OIKOMENE, 1970.
- _____. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo, CEP, 1990.
- BERGER, P., *O Dossel Sagrado*. São Paulo, Paulinas, 1985.
- BROWN, C., *Filosofia e Fé Cristã*. São Paulo, Vida Nova, 1983.
- CALVINO, J., *Institución de la Religión Cristiana*. Rijswijk, Fondo Editorial de Literatura Reformada, 1968, vol. I e II.
- _____. *Epístola a los Romanos*. Michigan, Subcomisión Literatura Cristiana, Iglesia Cristiana Reformada, 1977.
- CAVALCANTI, R., *Cristianismo e Política*. São Paulo, Nascente, 1985.
- DURANT, W., *História da Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro, Record, 1989. vol. V.
- ELTON, G. R., *A Europa durante a Reforma 1517-1559*. Lisboa, Martins Fontes, 1982.
- FERREIRA, E. M., *A Ética Social de Calvino*. Recife, Presbitério de Pernambuco, 1988.
- GARDNER, E. C., *Fé Bíblica e Ética Social*. São Paulo, ASTE, 1965.
- GONZALES, J. L., *História Ilustrada do Cristianismo*. São Paulo, Vida Nova, 1989, vol. 6.
- GUENEE, B., *Ocidente nos Séculos XIV e XV*. São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1981.
- HARKNESS, G. E., *Calvino e a sua tradição — Espírito e Mensagem do Protestantismo*. São Paulo, Imprensa Metodista, 1963.

- MANNHEIM, K., *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- Os Pais da Igreja e a Questão Social: Os padres da Igreja*. Petrópolis, Vozes, 1986, vol. 6.
- PORTELLI, H., *Gramsci e a Questão Religiosa*. São Paulo, Paulinas, 1984.
- REID, W. S. (Ed.), *Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental*. São Paulo, C.E.P, 1990.
- RUSSEL, B., *História da Filosofia Ocidental*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1957.
- SABINE, G. H., *História das Teorias Políticas*. Portugal, Fundo de Cultura, 1964.
- SEEBERG, R., *Manual de la Historia de las Doutrinas*. Venezuela, C.P.B., 1967, vol. 2.
- SENARCLENS, J., *Herdeiros da Reforma*. São Paulo, ASTE, 1970.
- SOUZA, J. A. C. R. (Org.), *Pensamento Medieval*. São Paulo, Loyola/S. Leopoldo, 1983.
- STACONNE, G., *Filosofia da Religião*. Petrópolis, Vozes, 1984.
- STROHL, H., *O Pensamento da Reforma*. São Paulo, ASTE, 1963.
- TILLICH, P., *História do Pensamento Cristão*. São Paulo, ASTE, 1988.
- WALKER, W., *História da Igreja Cristã*. São Paulo, ASTE/JUERP, 1981.
- WEBER, M., *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1989.